



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

24, 25 e 26
de novembro de 2012



Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Artigos	Data: 24/11/2012
Assunto: Discussões do ensino médio		Página: 12

DIÁRIO CATARINENSE

Discussões do ensino médio

Na semana em que o MEC divulga o resultado do Enem 2011 por escola foi finalizado o documento com propostas de melhoria do ensino médio, cuja versão a ser ainda aprovada pelos secretários em plenário do Consed será entregue ao ministro da Educação no início de dezembro. A partir do resultado, serão realizadas mudanças no ensino médio, que passa por amplo debate de reformulação em nível nacional.

É importante analisar os resultados do Enem com cautela, pois o mesmo é um instrumento de avaliação individual do aluno, para acesso à universidade. Deve-se considerar que a não apresentação dos resultados de escolas com menos de 50% de participação deixou de fora da classificação mais de 600 escolas da rede estadual e outras da rede privada.



EDUARDO DESCHAMPS
Secretário de Estado da Educação

Como o ensino médio é muito diversificado, os resultados do Enem, na forma de classificação por escolas, podem conter distorções. Neste sentido, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) demonstra um resultado muito mais representativo.

A primeira meta do Estado continua sendo a de igualar indicadores de qualidade da rede pública ao da rede privada e depois aos dos países desenvolvidos. Diversas ações vêm sendo feitas em SC para elevar os índices, entre elas a implantação gradativa dos programas de ensino médio integral e inovador e a ampliação das vagas em cursos profissionalizantes. Mais de R\$ 250 milhões serão aplicados na melhoria de infraestrutura dessas escolas.

Em 2013, os professores do ensino médio da rede estadual receberão tablets para uso em sala de aula, e as escolas, lousas digitais. Também está sendo projetado um programa de formação de professores, que inclui estágios no exterior. Cabe lembrar que, no início de dezembro, serão chamados 2 mil professores aprovados em concurso e deverá ser finalizada a proposta de revitalização da carreira do magistério. Tudo isso dentro do Pacto pela Educação de SC.

A primeira meta continua sendo a de igualar indicadores de qualidade da rede pública ao da rede privada e depois aos dos países desenvolvidos.



Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Geral	Data: 24e25/11/2012
Assunto: Escolas ganham verba para reforma		Página: 20

Notícias do Dia

Escolas ganham verba para reforma

A esperança de quatro comunidades escolares da região de melhores condições de ensino em 2013 foi renovada nesta sexta-feira com o anúncio pela Secretaria de Desenvolvimento Regional da Grande Florianópolis (SDR) de abertura de editais para reforma de quatro escolas estaduais. De acordo com o órgão, o governo liberará pouco mais de R\$ 4 milhões para a reforma dessas unidades, porém somente 20% desse valor já está disponível para que as iniciem em janeiro de 2013.

“Estamos utilizando um fundo de reserva que já estava destinado para iniciar as obras das quatro escolas e assim garantir os recursos para o ano de 2013. A nossa expectativa é de que com boas condições meteorológicas, e recebendo as demais parcelas esperadas, no prazo de seis meses possamos concluir as obras”, declarou o secretário regional, Renato Hinnig.


R\$ 4 MI
Recursos serão aplicados nas obras iniciais de reforma de quatro unidades escolares

Entre as escolas que serão reformadas está a Vicente Silveira, de Palhoça, onde três salas que estavam interdita-

das desde maio despencaram no último dia 11. O acidente trouxe à tona o problema da falta de investimentos. Na época, a SDR divulgou nota informando que o deputado e secretário Renato Hinnig já havia apresentado aos companheiros de bancada do PMDB as dificuldades que enfrenta na SDR, principalmente na área de Educação, por falta de recursos no orçamento. Além disso, o documento mostrou que no início de 2012 já haviam sido solicitados R\$ 5 milhões para obras emergenciais em oito escolas que apresentavam maiores problemas. Mas este recurso não chegou.



Palhoça.
EEB Vicente Silveira teve área destruída dia 11 de

LICITAÇÃO Escolas beneficiadas

- EEB Anísio Vicente de Freitas – Santo Amaro da Imperatriz – R\$ 840 mil - 8 de dezembro
- EEB Vicente Silveira - Palhoça – R\$ 1,2 milhão – 14 de dezembro
- EEB Laura Lima - Florianópolis – R\$ 900 mil - 14 de dezembro
- EEB América Dutra Machado – Florianópolis – R\$ 1,5 milhão - 14 de dezembro



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Notícias do Dia

Editoria: Opinião

Data: 26/11/2012

Assunto: Pacto 1

Página: 06

Notícias do Dia

Pacto 1

Secretário estadual da Educação, Eduardo Deschamps, considera que o aporte de recursos do BNDES para a revitalização e construção de novas escolas em conjunto com as secretarias regionais transforma o fato em um verdadeiro Pacto pela Educação. Depois de investir R\$ 70 milhões, Deschamps confirma mais R\$ 57 milhões até o início do ano que vem e outros R\$ 330 milhões entre 2013 e 2014, com recursos também do MEC. Só para a Grande Florianópolis já foram investidos R\$ 8 milhões este ano com mais R\$ 8 milhões até o início de 2013. Nos próximos dois anos, serão R\$ 27 milhões.



Veículo: Notícias do Dia

Editoria: Cidade

Data: 24e25/11/2012

Assunto: Mais tempo para aprender

Página: 08

Notícias do Dia

Mais tempo para aprender

Emerson Soares, 7 anos, deixará o 1º ano do ensino fundamental muito bem preparado. Seguro, o garoto lê um dos cartazes da sala de aula para mostrar que faz parte dos 90% dos alunos alfabetizados de sua classe, na Escola Municipal Altino Flores, no bairro Procasa, em São José. Esta escola foi uma das três unidades de São José que receberam o sistema de ensino integral no início do ano letivo.

Na Altino Flores são atendidos 630 alunos, sendo que 160 deles, do 1º ao 3º ano, passam o dia inteiro na instituição. Para comemorar os resultados positivos, alunos e professores preparam peças teatrais e exposições de acordo com o tema do projeto intitulado "Escola Altino Flores".

Durante o ano, Emerson e os colegas de turma trabalharam os temas religiosidade, trânsito, identidade e família. "Agora eles falam o nome completo. Adquiriram a noção de identidade enquanto faziam sua própria árvore genealógica", comemora a diretora Sonali Lehmkuhl, ao lembrar que os alunos estão mais responsáveis.

A diretora lembra ainda que os professores foram às casas dos estudantes, fator que resultou na maior aproximação dos pais e responsáveis. "Os pais passaram a participam ativamente das reuniões da escola", aponta.

A professora Silvia Bastos garante que sentiu uma melhora de em média 50% em relação aos anos anteriores. "Toda a comunidade escolar está engajada para melhorar o ensino", defende.

Conhecimento por meio de fotografias

Pelo corredor central da Escola Altino Flores estão fotografias dos bairros Procasa, Chico Mendes e Monte Cristo, comunidades onde moram os estudantes. As imagens foram registradas pelos próprios alunos para mostrar casas, prédios e ruas desses bairros de São José.

Quando os professores solicitaram aos estudantes que mostrassem o que não gostavam, eles levaram os mesmos elementos nas fotos: lixo. "Com as fotografias eles conheceram melhor a geografia

do lugar onde moram", destacou a diretora Sonali Lehmkuhl.

Para se localizar melhor geograficamente, os estudantes do 3º ano andaram pelo bairro e prepararam um mapa aéreo com os imóveis ao redor da escola. Pelas mesas, árvores de CDs velhos, tartarugas e caranguejos de garrafas pet mostravam a criatividade dos alunos. "Estou bem aqui. Não sinto falta de ficar em casa à tarde", revela Maiara de Mello, 8 anos, aluna do 3º ano do ensino fundamental.

Altino Flores. Diversos temas são trabalhados pelos alunos; Aos 7 anos, Emerson (D) está alfabetizado





SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Notícias do Dia

Editoria: Opinião

Data: 26/11/2012

Assunto: Alfabetização, um processo permanente

Página: 06

Notícias do Dia

Alfabetização, um processo permanente



Lígia Fleury (*)

Educadora

Todos os dias comemora-se algo: dia da avó, dia da mulher, dia dos pais, dia das crianças, dia das mães... Há pouco tempo (14/11) foi festejado o Dia Nacional da Alfabetização! Busquei a corrida às lojas, aos shoppings, às livrarias e não vi nem propagandas nem alguém que se mostrasse interessado em presentear alguém pelo Dia da Alfabetização.

É muita data para ser comemorada. Não dá para lembrar de tudo, certo? Ironias à parte, o problema é o mesmo. Na nossa sociedade, o valor monetário está acima do valor da cultura. Basta ser alfabetizado para ler, ouvir, ver e perceber que os analfabetos são os mesmos que honram os subempregos, que dificilmente têm casa própria, que não possuem planos de saúde.

Qual é o analfabeto que está em cargos dirigentes? Qual é o analfabeto que desempenha uma atividade profissional tão bem remunerada quanto os alfabetizados? São os analfabetos, em sua maioria, que formam as filas nos hospitais públicos, que perdem as vagas dos filhos nas escolas públicas, que perdem o direito a um trabalho mais qualificado.

Mas eles devem pagar os impostos. Podem votar. Ora, se pagam impostos, taxas, se podem votar, são cidadãos. E, como tal, devem ter seus direitos garantidos pelo poder público. É o mesmo caso das estradas, dos asfaltos, que precisam continuamente de reparos, e o das escolas que desabam ou pela falta em sua construção ou pela falta de conservação.

E, novamente, o mesmo descaso:

sabemos do problema do analfabetismo, cria-se o Dia Nacional da Alfabetização, mas o número dos não letrados é, infelizmente, muito maior do que o tamanho do problema. Ele tem o tamanho dos nossos olhos, tem a proporção que nós queremos. E tem solução. Basta o investimento correto e adequado na saúde, na segurança e na educação.

Alfabetização é um processo que se inicia no primeiro sopro de ar que se respira e não termina jamais. Somos alfabetizados quando aprendemos uma palavra nova, quando conhecemos novas culturas, quando assistimos a filmes, quando conhecemos os mais diferentes assuntos. Mas a alfabetização, aquela que nos torna capazes de lermos o mundo pelos sinais, pelos códigos, é de responsabilidade da escola, seja ela pública ou privada.

Então, outra vez, o mesmo problema: enxerga-se a falta da qualidade do ensino e não se faz nada? Temos cursos de alfabetização para adultos e isso faz muita diferença. Resta atingir os que nem sabem que existe algo chamado leitura e escrita. É desses que eu falo.

No dia festivo, os parabéns deveriam ficar para as empresas que valorizam o empenho de seus funcionários ao correrem atrás da alfabetização de adultos. Mas o puxão de orelha vai para quem permitiu e ainda permite que crianças se tornem adultos analfabetos. Isso deveria ser crime!

(*) Com a participação de Walter Lemos Filho

**O processo
que nos torna
capazes de
ler o mundo
pelos sinais
é dever da
escola, seja
ela pública ou
privada.**



Para manifestar
sua opinião
em artigos ou

cartas, envie textos para
opiniao@noticiasodia.
com.br ou redacao@
noticiasodia.com.
br. Artigos, com 2.500
caracteres e devem
ser acompanhados do
nome do autor, e-mail
ou telefone e foto.



Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Opinião	Data: 24/11/2012
Assunto: O desafio da escola pública		Página: 12

DIÁRIO CATARINENSE

O DESAFIO DA ESCOLA PÚBLICA

Repete-se e amplia-se, na última edição do Exame Nacional do Ensino Médio, a conclusão de que a realidade das escolas públicas é desalentadora. O desempenho dos colégios mantidos pelos estados piorou no ano passado em relação a 2010. Dos 50 melhores educandários do país, apenas três são públicos, e todos são federais – na edição anterior, eram seis. É uma disparidade grande demais, que não se explica apenas pelo conjunto de distorções do programa encarregado de avaliar a performance de estudantes e escolas do ensino médio. Entre as deficiências apontadas, denuncia-se com frequência que o Enem faz o confronto da escola pública com instituições privadas que selecionam seus alunos.

O exame seria, assim, um duelo desigual de estudantes de colégios muitas vezes precários – e em condições socioeconômicas inferiores – com alunos de escolas de elite. Há dados que comprovam algumas falhas, como o fato de que, entre as 10 melhores escolas, em sete eram menos de cem os alunos que esta-

Eventuais distorções no Enem não podem servir de pretexto para desqualificar o mais preciso indicador da precariedade do ensino a cargo dos estados.

vam concluindo o ensino médio e fizeram o teste. Essa seletividade não é suficiente, no entanto, para alterar o conjunto dos resultados e sustentar pretextos desqualificadores do exame. O Enem deve ser mantido e aperfeiçoado, com a correção de eventuais falhas. Seria um desserviço continuar a atacá-lo, como tática diversionista, para esconder as limitações da educação pública.

Os números divulgados pelo MEC são incontestáveis: 92% das escolas estaduais tiveram nota abaixo da média geral do país, que já é insatisfatória. E esse não é um problema localizado nas regiões mais pobres. Nenhum Estado conseguiu registrar mais de 20% das escolas com notas acima da média nacional. A precariedade revelada pela amostragem exi-

ge, há muito tempo, reações do setor público. Mas a capacidade de articulação dos governos federal e estaduais tem se mostrado insuficiente para que aconteça uma virada na educação brasileira. Como apenas 12% dos estudantes estão na rede privada, isso significa que 88% do contingente do ensino médio continua à espera de investimentos em estrutura, em equipamentos e em pessoal.

Os avanços proporcionados pelo próprio Enem, que buscam a melhoria das práticas pedagógicas e procuram ampliar o acesso de egressos da rede pública ao ensino superior, não são suficientes para compensar os erros das políticas públicas e as omissões de comunidades e pais alheios ao que se passa nas escolas. O desca-so do Brasil com a formação básica assumiu, como têm alertado os especialistas, a conotação de desprezo com parcela da população que mais depende do suporte dos governos. Alunos de escolas mantidas pelos estados são, em sua maioria, de famílias de baixa renda. Privá-los de um bom ensino é também uma forma de ampliar suas privações e negar-lhes a chance de crescer econômica e socialmente através da educação.



Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Artigos	Data: 26/11/2012
Assunto: Competição, Enem e Carreira		Página: 14

DIÁRIO CATARINENSE

Competição, Enem e Carreira

"**S**e nada lhe falo, peço por omissão". É possível estabelecer metas e não nos perdermos no caminho a fim de dar ao jovem segurança emocional em provas como a do Enem.

É necessário observar verdades impostas pela vida; na prática ser criativo e empreendedor são fatores essenciais para o sucesso. O ensino é visto por muitos como simples preparação para o futuro, e não como caminho para aplicação de conhecimentos construídos.

A pergunta que fazemos é: será possível agregar criatividade e competição e um bom desempenho no Enem? Observamos que o Programa Universidade para todos (ProUni) utiliza os resultados do Enem para a aquisição de bolsas.



**CLÁUDIA
CRISTINA
DE OLIVEIRA
NADALE**
Mestre em
Educação

Então não é para todos. É para quem se dedicou, estudou, enfim, se preparou. Acredito que a competição precisa ser compreendida, não temida. Negar a competição seria mascarar a educação, e não oportunizar um preparo intelectual. Quanto mais um aluno avança seu senso de parceria vai perdendo espaço, isso não é mérito ou pecado, é um desafio a ser enfrentado. E o que podemos fazer a fim de tornarmos o mundo competitivo menos doloroso?

Penso que é possível manter no jovem um arrojo competitivo sem torná-lo insensível por meio de atitudes simples. Confiar em seus ideais não é utopia. Enxergá-lo como um todo sem negar a importância do conhecimento adquirido, e avaliar a busca de melhores colocações não é fazê-lo egoísta se o fizermos entender que, quem se esforça mais merece mais.

Acredito no sucesso dos educadores, do trabalho de uma equipe, seres sensíveis, sensatos, coerentes e realistas. A nossa meta é agregar valores e forças onde a competitividade e o desempenho em provas como o Enem andem juntos com a criatividade, a carreira e realizações, e não em lados opostos.

**É possível
manter
no jovem
um arrojo
competitivo
sem torná-
lo insensível
com simples
atitudes**



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Jornal de Santa Catarina	Editoria: Opinião	Data: 24e25/11/2012
Assunto: A crise da escola pública		Página: 02

JORNAL DE
SANTA CATARINA www.santa.com.br

A crise da escola pública

Repete-se e amplia-se, na última edição do Exame Nacional do Ensino Médio, a conclusão de que a realidade das escolas públicas é desalentadora. O desempenho dos colégios mantidos pelos Estados piorou no ano passado em relação a 2010. Dos 50 melhores educandários do país, apenas três são públicos, e todos são federais – na edição anterior, eram seis. É uma disparidade grande demais, que não se explica apenas pelo conjunto de distorções do programa encarregado de avaliar estudantes e escolas do Ensino Médio. Entre as deficiências apontadas, denuncia-se com frequência que o Enem faz o confronto da escola pública com instituições privadas que selecionam seus alunos.

O exame seria assim um duelo desigual de estudantes de colégios muitas vezes precários com alunos de escolas de elite. Há dados que comprovam as falhas, como o fato de que, entre as 10 melhores escolas, em sete eram menos de cem os alunos que estavam concluindo o Ensino Médio e fizeram o teste. Essa seletividade não é suficiente, no entanto, para alterar o conjunto dos resultados e sustentar pretextos desqualificadores do exame. O Enem deve ser mantido e aperfeiçoado, com a correção de eventuais falhas.

Os números divulgados pelo MEC são incontestáveis: 92% das escolas estaduais tiveram nota abaixo da média geral do país, que já é insatisfatória. E esse não é um problema localizado nas regiões mais pobres. Nenhum Estado conseguiu registrar mais de 20% das escolas com notas acima da média nacional. A precariedade revelada pela amostragem exige, há muito tempo, reações do setor público.

O descaso com a formação básica assumiu a conotação de desprezo com parcela da população que mais depende do suporte dos governos. Alunos de escolas públicas são, em sua maioria, de famílias de baixa renda. Privá-los de um bom ensino é uma forma de ampliar as privações e negar-lhes a chance de crescer econômica e socialmente através da educação.



A NOTÍCIA

OPINIÃO DO GRUPO RBS

Abaixo da média

O ensino médio brasileiro continua abaixo da média. Relatório do Ministério da Educação publicado na última segunda-feira pelo “Diário Oficial da União” revela que tanto o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) quanto a frequência escolar nesse ciclo ficaram abaixo das metas estabelecidas para 2012. Segundo os dados oficiais, a nota média estabelecida pelo governo para este ano era de 3,8 pontos no índice que combina desempenho nos exames nacionais com taxa de aprovação. Mas a nota obtida no Ideb foi de 3,7 pontos. No quesito frequência escolar, o MEC esperava que 86% dos jovens entre 15 e 17 anos estivessem na escola, mas o levantamento mostrou que apenas 83,7% frequentavam as aulas no período analisado, entre 1º de novembro de 2011 e 31 de outubro de 2012.

Ainda que as diferenças entre as metas previstas e as obtidas pareçam insignificantes, elas refletem a enorme dificuldade das escolas e das autoridades educacionais para tornar esse ciclo de estudo mais atraente e produtivo para os adolescentes. Os números mostram uma realidade desanimadora: de cada cem estudantes que ingressaram nesse estágio do ensino em 2008, 35 pararam pelo caminho, por repetência ou desistência. E aqueles que concluíram aprenderam bem menos do que o esperado.

Por que isso ocorre? Especialistas admitem que, além de chato, desinteressante e superficial, o currículo padronizado do ensino médio

desatende a previsão legal de preparar os jovens tanto para o ingresso no mercado de trabalho quanto para a universidade. O conteúdo se restringe a referências puramente teóricas, como o Enem e os vestibulares, quando a maioria dos estudantes já cultiva interesse por áreas específicas do conhecimento que abram as portas do mercado de trabalho.

É urgente, portanto, a atualização do currículo do ensino médio e sua adequação à realidade do País. O MEC está avaliando propostas de mudanças curriculares, com ênfase na sugestão defendida pelo ministro Aloizio Mercadante de agrupar as atuais 13 disciplinas obrigatórias em quatro áreas de conhecimento: linguagens, matemática, ciências humanas e da natureza. Apesar das controvérsias, é uma tentativa válida. Porém, mais urgente ainda é investir na formação adequada de professores, na infraestrutura das escolas e no combate efetivo à evasão. Os professores precisam saber exatamente o que devem ensinar – e daí a importância de modernizar o currículo –, mas precisam saber também como ensinar estudantes que já não se conformam com aulas tradicionais, que têm pouco

apreço à disciplina e que desertam da escola com muita facilidade. A precariedade do ensino médio é generalizada, mas a péssima colocação das escolas públicas no ranking do Enem, divulgado nesta última quinta-feira, indica claramente o que deve ser priorizado por governantes, autoridades e demais integrantes da comunidade escolar.

Ainda que as diferenças entre as metas previstas e as obtidas pareçam insignificantes, elas refletem a enorme dificuldade das escolas e das autoridades educacionais para tornar esse ciclo de estudo mais atraente e produtivo para os adolescentes.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Geral	Data: 26/11/2012
Assunto: Quatro horas na escola é pouco		Página: 22

DIÁRIO CATARINENSE

“QUATRO HORAS NA ESCOLA É POUCO”

Especialistas afirmam que quanto mais tempo os estudantes ficam expostos ao processo ensino-aprendizagem, mais aprendem

As três Escolas que tiveram notas mais altas no Exame Nacional do Ensino médio 2011 têm aula em tempo integral. Entre colégios que tiveram grandes viradas no Índice de Desenvolvimento da Educação básica (Ideb) entre 2009 e 2011, muitos também têm Educação integral. O sucesso tem sido explicado por alguns estudiosos: quanto mais tempo ficam expostas ao processo Ensino-aprendizagem, mais aprendem.

Mas a proposta do Ensino integral precisa ultrapassar a ideia de mais tempo na Escola. É isso que defende a gerente da Fundação Itaú Social, Isabel Santana. Formada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, MBA em Gestão e Empreendedorismo Social e há 25 anos na área social, com experiência em elaboração e gestão de projetos sociais, Isabel acredita que é preciso aumentar, além da carga horária, a diversidade de assuntos. O conceito integral precisa ser aplicado não só no relógio, mas também nos espaços e no conteúdo. A gerente ainda observa que quatro horas na Escola é pouco. A cada ano que passa, o acúmulo de conhecimento aumenta, mas o tempo em sala de aula, não. Isabel ainda cita que, das quatro horas, o período de aprendizado é dividido com outras questões, como a chamada dos estudantes.

Para o Ensino médio, ela reforça ainda mais a ideia de aumentar o tempo e a diversidade de conteúdos.

Diário Catarinense – Passar quatro horas na Escola, como é para a maioria dos estudantes brasileiros, é pouco? Por quê?

Isabel Santana – Quatro horas na Escola é pouco, pelo menos por três razões. Primeiro, porque além de quatro horas ser pouco, destas quatro horas, o tempo que é efetivamente utilizado no Ensino-aprendizagem é menor ainda. A gestão do tempo nas Escolas precisa ser aprimorada. Perde-se tempo com processos burocráticos e sem sentido, e não se usa o tempo para o que é essencial. Exemplo: na troca entre Professores, numa aula que tem 50 minutos, ele gasta 10, 15 minutos com a chamada de Aluno. Esse é um único exemplo de que o tempo é usado em outra coisa que não é aula de verdade. A segunda razão é que o espaço Escolar é, antes de tudo, um espaço de relações, onde existem conteúdos a serem trabalhados e processos a serem vivenciados. Há ainda um acúmulo de conhecimento da humanidade, o que se estende às crianças. Esse acúmulo demanda mais coisas para aprender, e a gente continua mantendo o mesmo tempo de Escola de séculos atrás. Desconheço outro país do mundo que tenha só quatro horas de Ensino. A terceira razão é que existem estudos e pesquisas quantitativas que demonstram que há aumento de aprendizagem aumentando o tempo na Escola.

DC – A questão financeira continua sendo a maior barreira para que a Educação integral não esteja presente na maioria das Escolas?

Isabel – Ainda existe dificuldade financeira, mas, em breve, haverá diminuição de crianças entrando na Escola e aumento de recursos. A barreira financeira é temporária. A dificuldade é formação dos Educadores, ter planos de carreira que consigam priorizar a permanência do mesmo Professor na Escola. Existe uma dificuldade que é o currículo e a diversificação das atividades. Não precisamos pensar num único modelo.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

DC – Em seminário promovido pela Fundação Itaú Social, em São Paulo, ficou clara a necessidade da Educação integral ensinar também de maneira integral. Trazendo o tema da Educação integral para o Ensino médio, o que seria preciso abordar nesta etapa tão problemática?

Isabel – Quando falamos em Educação integral, a pergunta por trás é: “Qual o tipo de formação que queremos dar para as novas gerações da nossa sociedade?” Vale para crianças, adolescentes e jovens. É para toda a Educação básica. Quando falamos em Ensino integral, estamos sempre trabalhando em ampliar o tempo que o Aluno está exposto ao processo de Ensino-aprendizagem, porque não dá para pensar a Educação integral sem estruturar o tempo. Mas defendemos também a ampliação do espaço. Não deve acontecer só no espaço Escolar. Quando se pensa no Ensino médio, isso se torna ainda mais importante. Não é Escola o dia todo, e sim Educação o dia todo. Ampliação de tempo, espaço e conteúdo. Se eu aumento o tempo, também preciso pensar qual é o recheio, o conteúdo. Não dá para pensar numa política de Educação integral sem dar oportunidade para que o Aluno se desenvolva o máximo. Oferecer mais tempo, mais espaços, e precisamos de adequação e escolhas do conteúdo. Olhando esse conjunto, no Ensino médio, não dá para pensar na Educação integral como um único modelo, uma única oferta. Se eu tiver um único modelo, só com Escola de oito horas por dia e em muitos dias, muitos jovens vão começar a ficar fora disso, porque não terão interesse.

DC – Em SC, o governo aposta no Ensino médio integral e inovador para conter os índices de reprovação e abandono desta etapa. Aos jovens, são oferecidas aulas de inglês, empreendedorismo, informática. Este modelo pode ser considerado adequado? Se não, o que é preciso ter além disso?

Isabel – Um ponto importante, não só para SC, mas para todas as redes de Educação pensarem, é o quanto o currículo que está sendo oferecido consegue misturar os conteúdos de jeito mais produtivo. Eu sempre acho que não é adequado colocar em um período só as matérias que são exigidas para prova e, num outro período, as atividades complementares. Reforça muito a ideia de que um é Escola e o outro é mais leve, mais solto. Pensar o currículo de forma integrada, que seja desenvolvido em conjunto, em horário estendido. Outro ponto é que cada Escola, cada ONG desse um cardápio de oportunidades que pudesse ser acessado pelos jovens em momentos diferentes. Tenho aula de informática, mas posso ter informática para produção de vídeos, textos, desenho de moda, por exemplo. Quando o jovem se sente participante da escolha, ele se envolve mais, a evasão é menor, e passa a configurar um projeto com sentido educacional. Se não tivermos, fica muito difícil aderir ao projeto.

DC – Como usar as ONGs na oferta de Ensino integral?

Isabel – As ONGs podem ser fortes aliadas. É preciso que o governo se abra, as ONGs se abram para o processo educacional em conjunto.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Uol	Editoria: Educação	Data: 26/11/2012
Assunto: Como usar a nota do enem para saber se a escola é boa -- ou não		Página: Online

UOL EDUCAÇÃO

COMO USAR A NOTA DO ENEM PARA SABER SE A ESCOLA É BOA – OU NÃO

Média nacional das notas do Enem por escola foi de 494,64 -- resultado 17 pontos mais baixo do que o obtido em 2010

O Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) foi criado para avaliar a qualidade do ensino médio. Desde 2006, o MEC (Ministério da Educação) tem divulgado a nota do Enem por escola, com dados da prova do ano anterior. E esse indicador tem sido bastante utilizado como critério de escolha da escola -- principalmente entre as particulares. Afinal, se a escola conseguir uma boa nota, ela oferece um bom ensino certo? Mais ou menos. E a gente vai explicar por quê.

Em 2011, a média nacional das notas do Enem por escola foi de 494,64 -- resultado 17 pontos mais baixo do que o obtido em 2010.

O Enem é composto por quatro provas de múltipla escolha, com 45 questões, mais uma redação -- são avaliados conhecimentos de ciências humanas, ciências da natureza, linguagens e códigos, além de matemática.

Verifique quantos alunos participaram
DICAS PARA ESCOLHER A ESCOLA

O que perguntar ao coordenador?
Conheça linhas pedagógicas
Como identificar uma boa escola pública
Fique de olho nas instalações da escola

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que o Enem é um exame voluntário. Por isso, não se pode olhar apenas a nota e rotular a escola. Este ano, o MEC optou por divulgar as notas por escola apenas das



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

instituições em que ao menos 50% dos alunos tivessem feito a prova, sendo que esse percentual teria de ser igual ou superior a dez estudantes.

Vai comparar? Compare bananas com bananas

Quando as listagens saem -- e com elas os rankings com as maiores notas --, é natural os pais, os alunos e mesmos os professores correrem para comparar as notas das suas escolas com as melhores. Mas, como saber se uma escola é boa mesmo?

"Acho interessante que possa comparar entre os que se aproximam", recomenda Malvina Tuttman, ex-presidente do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais). Segundo ela, o melhor é comparar as escolas dentro do grupo ao qual ela pertença: o grupo das escolas públicas ou particulares ou escolas que estejam no mesmo bairro. "Comparar escola pública e privada talvez não seja a melhor opção", completa.

Colocar lado a lado uma instituição pública e outra particular seria o mesmo que tentar comparar bananas com maçãs. Infelizmente.

Enem por escola não avalia tudo

Todo mundo adora os rankings, para saber quem são os primeiros -- e, muitas vezes, para apontar também os últimos colocados. Mas não apenas o Inep e o MEC, como todos os especialistas, fazem questão de lembrar que o desempenho no Enem não é o único indicador de qualidade da educação. Há uma série de outras características das escolas que devem ser levadas em conta como o tipo de ensino que oferece, se os alunos são motivados. No caso do ensino médio, é importante que combinar o perfil da escola e do estudante.

"As escolas têm outras questões que precisam ser consideradas como os valores éticos, culturais, técnicos-científicos", conclui Malvina.